

ANTONIO CASO E WALTER BENJAMIN: SOBRE A CARIDADE E O MESSIANISMO POLÍTICO*

ANTONIO CASO AND WALTER BENJAMIN: ON CHARITY AND POLITICAL MESSIANISM

Jesus Ignacio Panedas Galindo
Universidad La Salle Pachuca, México
ipanedas@lasallep.edu.mx

Resumo: Dois homens separados pela distância, mas unidos pelo tempo, refletem, sem se conhecerem, cada um de sua própria existência e circunstâncias, dentro dos limites da razão e do perigo que ameaçam a modernidade e o progresso. Como remédio para estes perigos, são oferecidas esperança e caridade. A proposta, a partir destas linhas, é definitivamente apresentar a necessidade de combinar as dimensões religiosa e política, individual e social, íntima e pública que completam a complexa perspectiva do ser humano.

Palavras-chave: Antonio Caso. Walter Benjamin. Caridade. Messianismo Político.

Abstract: Two men separated by the distance but united by time, reflect, without knowing each other, each one from their own existence and circumstances, within the limits of reason and the danger that threaten modernity and progress. As a remedy for these dangers, hope and charity are offered. The proposal, from these lines, is definitely to present the necessity of combining the religious and the political, the individual and the social, the intimate and the public dimensions that complete the complex perspective of the human being.

Keywords: Antonio Caso. Walter Benjamin. Charity. Political Messianism.

* [N.T. JTS] O presente artigo é uma tradução autorizada pela *Logos Revista de Filosofia*, em função da primeira publicação do artigo original, a saber: GALINDO, Jesús Ignacio Panedas. *Logos Revista de Filosofia*, ISSN 1665-8620, Vol. 40, Nº. 120, 2012, págs. 125-170. Disponível em <http://revistasinvestigacion.lasalle.mx/index.php/LOGOS/article/view/2588>. As citações ao longo do artigo foram traduzidas pela JTS. Já as referências constam aqui no mesmo formato e estilo do original.

1. Introdução

O século XIX foi um século em que algumas das principais ideias do Iluminismo e da Revolução Francesa foram desenvolvidas. Napoleão tornou-se o arauto europeu e a primeira desilusão desses ideais, mostrando-se nas duas primeiras décadas como um conquistador guerreiro e não como um semeador de igualdade e fraternidade.

A burguesia, a tecnologia e a ciência são uma demonstração do poder do homem. Positivismo, utilitarismo e materialismo são expressões filosóficas destes avanços. O crescimento industrial, o poder do dinheiro e a força dos estados refletem os alicerces do almejado bem-estar.

Mas nem todos os pensadores e condições gerais concordam com o otimismo do século XIX. Há toda uma corrente de pensamento que desconfia da esperança infundada do homem pelo próprio homem. Boa parte dos pensadores românticos denunciam os perigos potenciais das novas dinâmicas sociais e pessoais. Infelizmente, vários dos eventos vividos durante o século XX servem como confirmação desses perigos (Safransky, 2011).

Na Espanha, Miguel de Unamuno é a voz incômoda que se levanta contra as novidades progressivas do mundo moderno. Imerso em sua preocupação com a transcendência da morte, ele rejeita a banalidade de se preocupar com a materialidade do que realmente não afeta o interior do homem (Unamuno, 2003).

Tanto os Românticos quanto Unamuno ainda são capazes de compartilhar para a mesma sociedade tanto os valores modernos quanto os que têm a ver com religião. Enquanto o Iluminismo tenta separar o público do privado, o social do religioso, estes autores não descartam o que a tradição ainda pode servir para melhorar a vida comum.

Neste trabalho, vamos caminhar através dos pensamentos de Antonio Caso e Walter Benjamin, dois autores que nasceram no século XIX e morreram na primeira metade do século XX. Do primeiro, revemos suas circunstâncias de vida, bem como seu contexto intelectual e as principais ideias que ocupavam sua filosofia. A partir do segundo, tomamos suas noções sobre a filosofia da história e mais especificamente sobre o messianismo político.

O amor, a caridade, é a ferramenta comum a ambos os autores para sair ao encontro da outra pessoa e estabelecer novos tipos de relacionamentos, não mais baseados na eficácia e no egoísmo. Um de seu catolicismo e o outro de suas raízes judaicas.

A partir da experiência que vivem e, sobretudo, da perspectiva que esperam poder viver, eles são capazes de exemplificar algo que em nossos dias é inevitável. Há categorias na tradição religiosa que são indispensáveis para que o mundo não volte à violência e à injustiça que experimentou ao extremo em várias ocasiões no século XX. A religião, devidamente compreendida, e a política, devidamente compreendida, não se opõem umas às outras, mas formam a oportunidade de contribuir com valores que continuam sendo necessários para uma vida melhor (por exemplo, AA.VV., 2008).

2. Antonio Caso e o império da caridade

Caso é um pensador profundamente mexicano. Ele escava as raízes da “mexicanidade” em busca da identidade que por tanto tempo escapou da reflexão mexicana. É por isso que seu tempo não passa, ele continua válido porque está amarrado ao que é mexicano, à sua identidade.

Antonio Caso é um profundo humanista que quer resgatar acima de tudo a pessoa da existência cinzenta e irrefletida. O homem e a realização da pessoa é o propósito de sua filosofia. O homem mexicano não pode cobrir sua existência com instinto conservador ou fatalismo. Em suas mãos ele tem a capacidade de seguir em frente, todos juntos.

Outro polo capital de seu trabalho é o profundo sentido religioso. O Deus pessoal, feito carne em nossa história para salvar nosso mundo, é o significado último da pessoa. Sem Jesus Cristo, sem caridade, não é possível superar as deficiências e obscuridades de nossa vida (economia). Em Jesus está a força e o objetivo da existência do homem. Finalmente, a preocupação permanente do Caso com a sociedade em que vive deve ser enfatizada. A sociologia é sempre algo que o ocupava e preocupava. Era o olho aguçado que observou o desenvolvimento e os eventos de seu tempo para descobrir sua raiz e origem.

Estes quatro elementos que queremos enfatizar e destacar a partir deste momento são os que mantêm o pensamento do autor mexicano atualizado. Ao mergulhar nas raízes mais profundas do ser humano em geral (humanismo e sentido religioso) ele tem os elementos necessários para mergulhar no espírito mexicano sem medo de se enganar. A observação de sua sociedade acrescenta à base humana o sabor típico do México.

Esta é, creio eu, a grandeza de Antonio Caso. Talvez seu pensamento não esteja totalmente estruturado, talvez não tenha um alto nível especulativo, talvez não desça na história universal por suas contribuições à filosofia, mas o que pode ser destacado sobre ele é sua preocupação concreta com a vida (Ortega y Gasset, 1987:77). Seu reflexo nasce da e é para a vida. E todo seu trabalho magistral tinha como objetivo convidar seus alunos a pensar sobre suas vidas, sobre a realidade de seu povo. Este impulso vital e amoroso é o que também o aproxima do interesse geral.

Seu principal trabalho é *La existencia como economía, como desinterés y como caridad*¹, assim como inúmeros artigos na imprensa, palestras, discursos e notas de suas aulas. Este trabalho tem três edições que devem ser sempre levadas em conta porque são o reflexo transparente da progressão do Caso em seu pensamento. Em 1916, é publicada a primeira edição, o trabalho é pouco mais do que um pequeno ensaio. Em 1919, surgiu a segunda edição na qual o volume de páginas do trabalho foi consideravelmente ampliado, estava quase terminado. Em 1941, surgiu a terceira edição com a incorporação de novas filosofias ao seu pensamento. Esta evolução mostra que o trabalho representa a preocupação por excelência de toda uma vida.

2.1. O Ateneo da Juventude

“No México, a filosofia de Comte, em fusão com as teorias de Spencer e com as ideias de Mill, é a filosofia oficial, pois tem prevalecido na educação desde a reforma liderada por Gabino Barreda, e é invocada como a base ideológica das tendências políticas que estão em ascensão. Embora os positivistas não tenham conseguido implantar aqui, como no Brasil, os ritos eclesiásticos da

¹ Para uma lista de suas obras, artigos e ensaios mais importantes, ver Salmerón, 1963:301-302. Krauze, 1990: 31 (Zamora, Pallares e Lombardo Toledano); 33 (Junco, Droguichesco) e 34 (Rodríguez). Estas polêmicas resultaram em uma produção jornalística abundante.

religião que Comte acrescentou à sua concepção filosófica, o positivismo mexicano tem seu órgão jornalístico (a Revista Positiva), em cujo apoio emprega uma tenacidade semelhante à demonstrada para a mesma causa pelo famoso Juan Enrique Lagarrigue no Chile. Por seu turno, uma parte da juventude já está seguindo outras direções; mas a crítica das ideias positivistas (não a crítica conservadora, católica, mas a avançada, a inspirada pelo movimento intelectual contemporâneo) mal começou com o memorável discurso de Justo Sierra em homenagem a Barreda (1908) e uma ou outra obra da Sociedad de Conferências da juventude”. (Henríquez Ureña, 1960:52).

2.1.1. Criação do Ateneo

Da reunião de amigos que se encontraram na biblioteca do Caso, o que seria chamado de *Ateneo de la Juventud* surgiria em 1909. É uma frente de estudiosos que lutam para extirpar o positivismo e aprofundar a cultura das humanidades e da filosofia (Ibargüengoitia, 1994:155-159. Salmerón, 1963:271, nota 3)². Devido à importância da iniciativa, a relevância dos membros e seu confronto com o positivismo francês predominante, é um dos eventos de sua vida que desenvolvemos com mais detalhes.

Neste *Ateneo* haverá figuras importantes como Vasconcelos, Caso, Ureña, Cravioto, Eduardo Colín... Este novo lote de jovens inquietos será rapidamente aceito e seguido por outros. Sua iniciativa abre as portas para os pensamentos mais modernos dos filósofos europeus recentes (Ibargüengoitia, 1994:168).

Antes da criação do *Ateneo* e após o encerramento da revista *Savia Moderna*, estes jovens criaram a *Sociedad de Conferencias* no início de 1907. Seu objetivo era disseminar ideias e promover atividades culturais nos bairros burgueses do México. Sua intervenção em uma discussão provocada por um jornal conservador em 1908 sobre Gabino Barreda foi notável. A sociedade defende o trabalho liberal de Barreda, mas deixa claro seu desacordo com o positivismo.

² Este grupo de jovens também lutou contra o perene Porfiriato que começava a se deteriorar nas lutas internas, esmagou os movimentos dos trabalhadores... O cheiro da revolução estava no ar.

Em 28 de outubro de 1909, nasceu o *Ateneo de la Juventud*. Seu primeiro presidente foi Antonio Caso. Em reuniões quinzenais, temas de filosofia e novas correntes do pensamento europeu foram debatidos publicamente. Eles também trataram de questões sociais, políticas e econômicas de importância para a nação. Eles nunca abandonaram seus interesses sociais. Estas reuniões tiveram uma participação variada e criaram expectativas entre a população educada interessada em sua situação atual.

Todo este movimento juvenil não teria surgido se não tivesse sido promovido por Justo Sierra (Ramos in Caso, 1964:XI). Este personagem teve grande influência na pessoa de Porfirio Díaz e foi responsável pela política educacional do México (Secretaria de Instrução Pública e Belas Artes). Ele se opunha ao sistema desde jovem e já havia denunciado as desvantagens da reeleição do ditador (Krauze, 1995:89)³.

2.1.2. Consequências do Ateneo

A vida do *Ateneo* foi curta. As dificuldades políticas do momento e os diversos compromissos de seus membros fizeram com que as reuniões fossem adiadas. Em 31 de maio de 1911, o General Porfirio Díaz foi exilado para a França a bordo do navio a vapor *Ipiranga*. Madero chega ao poder e a velha sociedade da conferência se reúne novamente sob o nome de *Ateneo de México* (Krauze, 1995:280).

Outro ponto intimamente relacionado com o *Ateneo* é o nascimento da Universidade Nacional. Desde a segunda metade do século XIX, a criação de uma universidade no México havia sido evitada por todos os meios. Os liberais extremistas pensavam que serviria de refúgio para o clero, a teologia e a metafísica. Justo Sierra sentiu a necessidade de basear a ciência em fundamentos humanistas e lutou de seu cargo público por muitos anos para conseguir a criação de uma grande casa de estudos. Em 1910, aproveitando as comemorações do primeiro centenário do início da Guerra da Independência, declarou inaugurada a Universidade

³ No plano ideológico, ele já havia expressado seu ceticismo em relação ao positivismo mexicano em um discurso proferido em 1874, por ocasião da homenagem a Barreda. Este discurso é, poderíamos dizer, o sinal de partida para todo o movimento crítico contra o positivismo. Veja como exemplo do apoio de Justo Sierra ao *Ateneo*, Salmerón 1963:272, nota 5.

Nacional, composta pela Escola Preparatória Nacional e as Escolas Profissionais, assim como uma Escola de Estudos Superiores que incluiria a disciplina de História da Filosofia. Vasconcelos, Caso e outros membros do *Ateneo* passaram imediatamente a fazer parte do corpo docente da Universidade. Este foi o culminar de uma luta social, política e cultural que vinha ocorrendo há muitos anos durante o porfiriato⁴. Caso ocupou por muitos anos cargos executivos nesta instituição, lutando permanentemente por sua autonomia e pela liberdade acadêmica (Escobar-Gorostieta, 1974:34-36).

2.2. Pensamento filosófico

“O espírito filosófico é um espírito de aventura constante e incorruptível que tem muito de heroico. O encanto da filosofia reside, mais do que no sucesso - sempre problemático - da afirmação, no fundamento implantado ao meditar” (Caso, 1922:64).

Para Caso, a meditação dos problemas foi uma satisfação em si mesma, independentemente do sucesso da especulação. Ele não admitiu a posição tomada sem crítica e reflexão. Ele caracterizou-se por ser um profundo pesquisador de todas as correntes filosóficas de seu tempo (AA. VV., 1979:110).

De todas toma algo, mas nenhum deles se encaixa na circunstância que Caso está enfrentando. Sua preocupação era a própria vida e ele tentou compreendê-la e interpretá-la com um critério moral, o conhecimento tem que ser uma função da vida, caso contrário ele se torna mera vaidade humana (García Maynez, 1947, em Escobar-Gorostieta, 1974:18).

⁴ A criação deste centro de estudos universitários está intimamente relacionada com a reabertura da Pontifícia Universidade do México. Já dissemos acima que os liberais radicais viam nos centros de estudo e na igreja em geral um perigo para seus interesses. Tanto Barreda como Porfirio Díaz foram contra a Universidade. Por este motivo, em 1865, a Pontifícia Universidade, que funcionava ininterruptamente desde 1553, foi fechada. Em 1896 a Igreja solicitou as licenças necessárias para converter o Seminário Diocesano em uma Pontifícia Universidade. Nesse mesmo ano, iniciou sua operação deixando de fora de seu currículo o estudo da filosofia. A Pontifícia Universidade foi o modelo e o incentivo para Justo Sierra em seus esforços universitários. Para todas estas questões, ver Ibargüengoitia, 1994:160-167.

Seu livro principal, já mencionado, gira em torno destes pensamentos. A produção de Antonio Caso pode ser dividida em duas etapas principais: a que ele escreveu entre 1906 e 1933 e a que escreveu desde esta última data até 1946⁵.

Caso tem muito de ecletismo em seu pensamento. Por isso foi possível para ele, por exemplo, rejeitar o idealismo de Kant e adotar suas antinomias. O pessimismo de Schopenhauer, na opinião de Caso, é falso, mas sua teoria da vontade ajuda a esclarecer o problema da existência. Bergson revelou os procedimentos da intuição empática; mas Husserl nos aproxima do mundo das ideias; Scheler esclarece o problema dos valores; Heidegger, embora incompleto, oferece um magnífico estudo sobre a existência humana. Ele aprende de todos e critica a todos⁶.

Uma constante que ele nunca abandonará será sua devoção a Jesus de Nazaré e ao cristianismo. Em todos os momentos, ele manteve seu respeito quase sagrado pelo homem e pela pessoa. O personalismo do Caso é uma linha contínua em todo o seu pensamento. Ele aproveitará todos os autores que estudar na medida em que eles se encaixem em suas coordenadas pessoais, culturais e sociais. Ele não admite seu pensamento por causa de sua autoridade ou aceitação, mas descarrega sobre eles o olhar crítico do estudioso que está seguro do que é mais importante na vida e em sua circunstância.

Outra via que deve ser levada em conta e não deve ser esquecida é a do positivismo. Nem tudo o que esta doutrina diz é rejeitado pelo Caso. Devemos estar conscientes de que foi neste ambiente que Caso iniciou seus primeiros passos em direção à literatura e ao humanismo. Toda sua vida ele terá, portanto, a influência do positivismo, embora ele o critique fortemente. Mas, toda filosofia tem uma parte de verdade e é necessário tirar proveito dela.

⁵ Outros autores dividem o desenvolvimento do pensamento de Caso em mais etapas, ver M. A. Virasoro em AA. VV., 1979:110. A terceira etapa seria aquela em que ele elabora seu próprio pensamento. Ver Salmerón, 1963:302, nota 47. A divisão que propomos se baseia no critério de Krauze, 1990: 42; apoiada pela crítica em Escobar-Gorostieta, 1974:44-45.

⁶ Um relato das influências mais importantes dos autores europeus sobre o Caso pode ser encontrado em AA. VV., 1963:273; 302-303. Nunca se deve esquecer que as influências estrangeiras do Caso são sempre acompanhadas das contribuições que ele recebeu de todos os seus colegas no Ateneo.

2.3. Críticas ao programa positivista da escola secundária nacional

No século XIX, reinou no México uma cultura escolástica esclerosada e retórica (Krauze, 1990:12.15). Na época de Porfirio, o positivismo de Comte foi imposto contra tal cultura, com um excesso de confiança no poder da ciência. Já falamos da educação que Barreda⁷ havia imposto a toda a nação (Krauze, 1990:12-13).

Por outro lado, e em torno de Justo Sierra, está sendo criado um ambiente cultural que começa a estudar outros pensamentos que completam as deficiências contidas no positivismo. Ricardo Gómez Robledo, Pedro Henríquez Ureña, José Vasconcelos, Alfonso Reyes, Antonio Caso e o próprio Justo Sierra deram palestras em centros educativos que abriram novas perspectivas. A intenção do Caso é restaurar a metafísica. Para o positivista não há sentido na religião, metafísica, qualquer coisa relacionada à alma, à ética... (Ibargüengoitia, 1994:152-153)⁸.

Caso procura um novo tipo de metafísica que não se oponha à ciência ou à experiência, mas que, ao contrário, se aproveite delas e as complete. Temos mencionado repetidamente as fontes que inspiram seu pensamento, das quais ele nunca abandona. É por isso que ele não desconsidera a ciência e seus avanços. Mas o que ele não está disposto a admitir é que a ciência é o objetivo último do homem, que esse se autorrealize através do uso de sua razão, uma de suas faculdades⁹. Ele busca um equilíbrio no homem para ser uma verdadeira pessoa (personalismo), agregando o valor da intuição de realidades diferentes da simples experiência. Ele lutará por este novo humanismo a partir de sua cátedra (Ramos in Caso, 1964:XIII-XIV).

Continuando com a análise da metafísica, Caso e os outros estudiosos do *Ateneo* confrontam as opiniões de Comte sobre este tema de estudo. Dizem que o filósofo francês, ao

⁷ Para um estudioso como Antonio Caso, cultivado em uma seleta biblioteca do mais rico humanismo, este tipo de educação não era aceitável. Também de seu cristianismo convicto ele defenderia os princípios religiosos, embora peneirado por outras convicções.

⁸ As informações sobre os cursos de jurisprudência não são em vão, já que vários dos iniciadores do *Ateneo* foram formados nesta escola, entre eles, Antonio Caso.

⁹ Os primeiros passos filosóficos do Caso foram totalmente racionalistas, guiados pelo positivismo. Mas pouco a pouco ele se afastou do intelectualismo para confiar mais no método intuitivo, como um instrumento próprio da filosofia. O racionalismo abraça um certo espectro da vida (ciências), mas não abrange toda a realidade e a rica variedade do que chamamos vida (metafísica). Isto é o que a impulsiona a variar sua metodologia.

criticar a metafísica, está atacando o escolasticismo, ou seja, ataca a tentativa de explicar os fenômenos por meio de entidades, causas ou essências não verificáveis pela experiência. Seria preciso ver se a elaboração do pensamento que ele apresenta como solução não é também outra metafísica. Comte ignorou o fato de que o verdadeiro significado da metafísica é a unificação da experiência, a tendência a pensar as coisas como um todo. Desse ponto de vista, o positivismo é, no mínimo, ambíguo. Esta tentativa de totalizar o conhecimento tem suas raízes no conhecimento científico, não o descarta ou subestima, mas tenta colocá-lo em seu devido lugar.

Outra crítica ao positivismo é a dos três estágios de desenvolvimento da humanidade. Eles dizem que estas etapas nada têm a ver com o progresso da humanidade, mas com a aplicação de diferentes métodos adaptados a diferentes abordagens da realidade. Mas o positivismo não quis submergir-se em outros campos da realidade, como religião, arte, vida...

É evidente a necessidade que Caso e os ateneístas tiveram de buscar um humanismo que foi diluído e quase destruído no positivismo. Para eles, a pessoa e sua situação é a primeira, dentro e ao redor da qual o mundo gira. (Salmerón, 1963:274).

2.4. O conceito de democracia em Antonio Caso

Ao discutir os temas que se seguem, não se deve esquecer que junto com o interesse filosófico de Caso, ele cultivou uma preocupação política para a sociedade do México no início do século. Desde seus primeiros trabalhos, Caso combina as duas correntes em seu pensamento. Para uma melhor compreensão deste problema e dos tópicos que se seguem, abriremos algumas subseções que esclarecerão ligeiramente o ambiente social, político e econômico no qual Caso teve que viver os primeiros anos de sua vida e que influenciaram o desenvolvimento posterior da nação.

2.4.1. Situação econômica do porfiriato

Na época de B. Juárez, foi dada atenção especial ao desenvolvimento político. Na era porfirista, com o positivismo em seu auge, buscou-se o progresso técnico e industrial. Desde 1893, com a chegada de Limantour como Ministro da Fazenda, o progresso em termos gerais vem crescendo em todo o país. Os meios de comunicação estão amplamente desenvolvidos (os quilômetros da rede ferroviária de 1876 a 1910 são multiplicados por 30; o comprimento da rede telegráfica de 1877 a 1900 é multiplicado por 8; durante seu mandato, os portos de Veracruz, Tampico, Manzanillo, Salina Cruz, Puerto México e outros são remodelados).

Com as vias de comunicação, o mercado interno cresceu rapidamente. No período de 1892 a 1907, a agricultura cresceu 4%, os produtos agrícolas para exportação 5,2%, os de uso industrial 5,8% e os de consumo interno 3,6%. Estas estatísticas devem estar relacionadas ao crescimento da população de menos de 2% ao ano neste período. A indústria está se desenvolvendo em 6,4%. As fábricas cresceram em todos os lugares (5500 fábricas existiam no México em 1910). A todos estes dados temos que acrescentar a extração de minerais (em 1910 o México é o quinto maior produtor de ouro, o primeiro de prata e o segundo de cobre) e petróleo. (Krauze, 1995:103-114).

Em resumo, e para não exagerar com dados estatísticos, notamos o enriquecimento nacional, o desenvolvimento da industrialização e da modernização e a mudança na face do solo mexicano.

Mas o preço que teve que ser pago por este desenvolvimento é um preço social. As classes mais pobres estão imersas em uma pobreza que contrasta cada vez mais com a pomposidade das obras públicas realizadas. Os ministros e membros do partido dos cientistas enriqueceram-se à custa da boa balança de pagamentos nacional (Krauze, 1995:124,92,114).

2.4.2. A Situação Social da Era Porfiriana

O liberalismo social e o positivismo fecharam as cortinas de suas torres de vigia para não ver a realidade social em que o povo vivia. Em vergonhoso contraste com o progresso econômico já exposto acima, as pessoas vivem na mesma miséria atávica. Cinquenta por cento das crianças morreram antes de seu primeiro aniversário devido à tosse convulsa, febre amarela,

malária... Em 1900, havia um médico para cada 5.000 habitantes. 84% da população era analfabeta. Na região central, no ambiente indígena, a miséria estava aumentando.

Por outro lado, o fantasma do latifúndio e das fazendas estava se espalhando impiedosamente sobre as terras agrícolas. Os proprietários de terras foram privados de sua fonte de subsistência e empregados como trabalhadores para os senhores exploradores que lhes pagavam qualquer salário¹⁰.

Nas cidades, as classes sociais se distinguem de forma abismal. Os novos ricos (“cientistas” e proprietários de terras) viveram de acordo com modelos franceses em sua manifestação externa. Isto não implicava que sua preparação e cultura estivessem no nível que eles queriam que aparecessem. A descrição dos Vasconcelos como “aristocracia pulquéria” é muito precisa. A classe média é mínima e a maioria da população está abarrotada nos bairros pobres (Krauze, 1995:119-123).

A conclusão do bem comum quebrado é a violência. Porfirio Díaz teve que controlar diferentes movimentos armados e sindicais (Cananea, Son.; Río Blanco, Ver...), que culminariam no levante de armas da revolução de Zapata e Pancho Villa como consequência lógica deste mal-estar geral da população. A pobreza está misturada com a instabilidade social, com a efervescência violenta de uma parte da sociedade.

2.4.3. A situação política do porfiriato

Para manter tudo o que havia sido empreendido economicamente, era necessária uma força todo-poderosa para conduzir a nação em direção ao progresso. Do caos que Juárez deixou como herança, Porfirio acreditava ser o único salvador capaz de guiar a nação para a verdadeira ordem¹¹. Subjacente a isto estava a reeleição quase automática de Porfirio Díaz por trinta anos.

¹⁰ É conveniente ter todos esses dados em mente quando se fala, por exemplo, do conceito de economia ou também da necessidade de medir a propriedade privada de cada indivíduo. A partir deste contexto social, podemos entender mais claramente o que pensa o Caso. Esta estatística nos oferece um diagnóstico de uma sociedade desfeita, o objetivo do Porfiriato é o progresso técnico e o desenvolvimento entendido a partir do positivismo. A pergunta que surge de Caso e de qualquer espectador desta cena seria: onde está a preocupação com o homem e com a pessoa?

¹¹ Pode-se agora compreender melhor a importância da seção dedicada ao lema do positivismo. A ordem está acima da liberdade individual, como um meio para alcançar o progresso. Porfirio Díaz monopoliza a autoridade

Justo Sierra protesta contra esta situação política porque vê o risco de que, se o desenvolvimento depender de uma pessoa, ele seja truncado com seu desaparecimento. A democracia não existe; o que governa o México é uma autêntica ditadura vestida como uma necessidade de progresso. (Ramos in Caso, 1964:XIX. Zea, 1963:261-262). O sistema político com poder de Benito Juarez estará por trinta anos aos pés do poder inquestionável de Porfirio Diaz. As organizações políticas são meros subservientes a sua vontade imperial.

Com todo este pano de fundo da situação real em que Antonio Caso tem que viver, podemos entender um pouco melhor, pelo contrário, o que ele quer dizer com democracia. De acordo com Caso, a democracia é o ambiente harmonioso através do qual a cultura é alcançada. Mas a democracia não é o fim do homem. Embora o homem seja um ser social por natureza, isso não significa que a democracia seja seu objetivo. A realização do homem está na ordem de sua essência, ou seja, a realização humana está em Deus. Esta sim é a finalidade do homem. A democracia tem sido frequentemente confundida como um fim, quando não é mais do que um meio¹².

Para Caso, o que ele chama de “o conflito de nossa democracia” existe na realidade cotidiana mexicana. O México precisa saber concretamente o que é, a fim de implementar um sistema político e social adequado à sua idiossincrasia. Historicamente tem tido o defeito de imitar modelos políticos estrangeiros que não passavam de um ideal que não se adaptava às necessidades do país. Ele chama este fenômeno com o neologismo do “bovarismo” (Ramos in Caso, 1964:XX)¹³. Esta palavra reflete a capacidade do povo mexicano de criar uma ideia de si mesmo que não corresponde à realidade. Por esse motivo, eles se acham aptos a adotar modelos estrangeiros como se fossem seus próprios modelos. Este fenômeno estará intimamente

para alcançar a ordem, mas na realidade, nem a liberdade nem o progresso generalizado são alcançados. O caso reagiu contra esta situação.

¹² Estes pensamentos são extremamente esclarecedores para nós hoje em dia. A reforma da lei eleitoral acaba de ser aprovada. Presume-se que a partir de agora as eleições e o sistema “democrático” serão regidos por regras justas. Este é sem dúvida um grande passo em frente. Mas é igualmente óbvio que os problemas do México não podem ser resolvidos por esta novidade política. Mais premente é o problema da educação, o problema da falta de identidade, da despromoção indígena, do respeito comum, da honestidade na gestão dos fundos públicos, da consciência social da importância da participação... A democracia política é um meio para alcançar uma realização do homem que implica a solução dos problemas já mencionados. Não pensemos que com a reforma política tudo se resolve.

¹³ Este fenômeno continua até os dias de hoje. Lembre-se de termos como “malinchismo”, “madein-chismo”, o problema da identidade nacional, o problema do desenraizamento dos mestiços....

relacionado com o ponto seguinte. Uma coisa pode ser o estado e outra o mexicano. Se não houver coordenação e empatia, a realização do indivíduo sempre sofrerá e, portanto, a estrutura social não será eficaz, mas até prejudicial.

2.5. O Estado e o indivíduo

O estado é para o homem. Ela deve estar a serviço da realização das pessoas que a compõem. Este pensamento está ligado ao da democracia. Nem a democracia nem o Estado são fins, mas meios para que o homem alcance sua plenitude. Também é necessário levar em conta o que já enfatizamos sobre a empatia entre o Estado e o indivíduo, sem buscar modelos utópicos exportados que não são eficazes no México (Caso, 1964:XX).

Se os papéis forem invertidos, o estado assume o indivíduo (tirania), ele se configura como uma entidade transpessoal. Mas não há nada de transpessoal, se a pessoa está acabada, a sociedade está acabada. Somente Deus, que é uma pessoa, está acima da pessoa. O erro da filosofia moderna tem sido dar ao estado a categoria de divino. O estado absoluto é o mesmo que o estado absurdo¹⁴. O verdadeiro equilíbrio é quando o estado vigia a perfeição dos indivíduos. Deve estar preocupado em sancionar os direitos do homem, garantindo a cada um a possibilidade de desenvolver sua própria personalidade. O estado é a força coercitiva que garante este aperfeiçoamento.

Caso enfrenta este assunto a partir de uma crítica ao socialismo, o que ele considera verdadeiro sob muitos pontos de vista. Mas ele não deseja, por outro lado, cair em uma concepção individualista-liberal extrema. A sociedade é formada por pessoas que precisam dela para se realizarem. Qualquer desequilíbrio entre estes dois polos leva à destruição da verdadeira dimensão da pessoa. Em ambos os lados da balança, pode haver egoísmo. O indivíduo pode reivindicar toda a atenção para si mesmo, mas ele não constrói a sociedade. Por outro lado, a sociedade pode dominar sobre a pessoa, mas desta forma não pode haver comunidade. A

¹⁴ Foi exatamente isso que aconteceu na época do porfirismo. Naqueles dias, era chamado de “tirania honesta” o sistema que temporariamente tinha que ocupar o poder para alcançar a ordem que promoveria o indivíduo através do progresso e da liberdade. O mau é que esta tirania honesta durou trinta anos, provocando a maior das misérias.

solução para este dilema consiste em uma sociedade e uma pessoa baseada em valores éticos e jurídicos (Caso, 1941:192).

Este pensamento surge no meio de uma situação conturbada para o México. O ditador deixou o país, mas as consequências de sua administração permanecerão por muitos anos ainda. Agravado por lutas, revoluções, divisões. Isto implica diretamente a destruição do bem comum de toda a nação, a construção do abuso de autoridade como norma universal pelos mais fortes... em suma, a dissolução do indivíduo num mar de lutas e insatisfações: a desumanização (Zea in AA. VV., 1963:262).

Antonio Caso divide o ser em três graus: a coisa, o indivíduo e a pessoa (Salmerón in AA. VV, 1963:306). O primeiro é o ser sem unidade. O segundo é o ser que tendo vida não pode ser dividido. O terceiro é um ser espiritual que não está encerrado em si mesmo, mas transcendendo-se a si mesmo, une-se a outros seres análogos a si mesmo, formando uma sociedade com todas as suas características (justiça, união moral, solidariedade, participação...). A pessoa participa do mundo da cultura com a atitude de desinteresse e oferta (contribuição). A diferença entre o indivíduo e a pessoa é que esta última trabalha para uma sociedade, em toda a extensão da palavra, e a primeira é movida pelo maior interesse de ter mais do que as outras.

2.6. A necessidade de limitar a propriedade para satisfazer o que é estritamente necessário

O homem precisa de coisas para poder realizar-se (contra o marxismo). Proibir a propriedade privada é uma forma do estado limitar a pessoa. Mas também é verdade que o que o homem precisa é muito pouco. A acumulação de riqueza, longe de beneficiar o homem, afasta-o da felicidade, de seu objetivo. Limitar o ter é poder ser; propor o ser sobre o ter é ganhar em profundidade.

Tudo gira em torno da importância capital da pessoa e de seu projeto. Na medida em que ele precisa de coisas para se realizar, a propriedade privada é boa. Mas isto não é um valor absoluto, já que o homem necessita de poucas coisas, de tal forma que a medida da necessidade

(propriedade privada) é a limitação, já que o homem não é um ser condenado ao consumo eterno.

... a propriedade é um dos pilares da sociedade humana, se for concebida como a extensão, materialmente, do direito da personalidade a ser pessoal. Desde que seja claramente entendido que, havendo várias pessoas, a limitação do direito de propriedade é tão essencial quanto a própria propriedade; pois a propriedade é limitada em virtude da personalidade diversa de outro sujeito de direito, que também é uma pessoa. Para que a base do direito de propriedade seja idêntica, essencialmente, à base de sua limitação. (Caso, 1941:142).

Mais uma vez, no fundo desta teoria está a figura de Porfirio Díaz, ou da ditadura de Huerta... Um povo que luta diariamente para conseguir o essencial para subsistir e uma imensa minoria que desfruta da maioria dos bens da nação. O pensamento do Caso é diametralmente oposto ao que os positivistas pensavam sobre a riqueza (Salmerón in AA. VV., 1963:251).

Neste caso, os dois extremos podem ser a acumulação de riqueza, que dá origem à dor e à infelicidade dos ricos; ou, por outro lado, a escassez do necessário para o desenvolvimento, que dá origem à mesma insatisfação. O resultado que temos em ambos os casos é um homem cortado pelo egoísmo, sem um apoio na sociedade e sem contribuir para isso. Uma elite rica tornou-se exorbitantemente rica, perturbando a economia nacional e aumentando a massa dos pobres para a metade da população. A desagregação social e, portanto, pessoal é evidente para um observador atento da realidade. O egoísmo é a medida da destruição da pessoa.

2.7. Conceito de progresso

Relacionado com o contexto geral de suas preocupações, Caso estuda o conceito de progresso. O progresso não é a lei da humanidade. Hoje é tão bom ou mau quanto o primeiro dia. Podemos ser mais habilidosos (ciência). A arte também não progride (a arte egípcia já é magnífica), a intuição artística é absoluta, não progride. O processo da ciência e da indústria, o único possível, aumenta nossa dor e nossa insatisfação. A dor é identificada com o egoísmo. O cristão o nega e começa a desfrutar da caridade, uma experiência inteiramente nova. Através

dela o homem ganha sua imortalidade e evita sua dor e seu biologismo egoísta. O progresso é reduzido ao esforço da pessoa caridosa para alcançar a perfeição que se encontra no futuro, em êxtase. O progresso coletivo não existe porque na história da humanidade tem havido muito mais egoístas do que pessoas caridosas.

Depois de tudo o que foi dito, a mudança na noção de progresso entre o positivismo e a filosofia do Caso é clara. Há uma diferença qualitativa, de profundidade, de esperança no homem e de desenvolvimento pessoal.

2.8. Os conceitos de economia, desinteresse e caridade

Estes são os três conceitos principais dentro de sua filosofia (AA. VV. 1979:110). Neles todo seu pensamento é sintetizado. Para Caso, supõe um sistema filosófico completo que ele não conseguiu desenvolver em todas as suas possibilidades. Na terceira edição deste trabalho, Caso lança luz sobre os aspectos mais profundos e originais de uma longa vida dedicada à pesquisa, à observação de sua sociedade e ao estudo filosófico.

Esboço geral do trabalho			
Valores	Vida	Beleza	Bem
Tipo de existência	Interesse, economia	Estética	Caridade
Existência <i>sub specie</i>	<i>Utilitatis</i>	<i>Pulchritudinis</i>	<i>Charitatis</i>
Esquema de ação	Mundo centrípeto	Ponto neutro da existência	Mundo centrífugo
Tipo de ação	Egoísmo		Altruísmo

Economia (Caso, 1972:32-70) é sinônimo de egoísmo e geralmente está relacionado ao aspecto mais físico do homem. Há uma ânsia de se preservar sem levar em conta as necessidades

dos outros. Os alimentos são o exemplo mais primitivo de economia. Implica uma luta entre iguais por alimentos. Quando se acumula energia suficiente, ela é dedicada à reprodução como segundo sinal de economia (está disfarçada sob os aspectos de sexo, apetite e descendência). A este nível, tudo é uma luta pelo poder.

A luta, adaptação e herança, sustentam a engrenagem dos seres vivos. O lucro máximo, obtido com o mínimo esforço, parece ser a lei da economia universal: parece definir a existência como economia. Adaptação-nutrição e reprodução da herança, em suma, fome (à qual se reduz a necessidade elementar do apetite sexual), é o único motivo de ação da vida (Caso 1972:40).

Isto acontece apenas na esfera humana. Animais e plantas estão acima do bem e do mal, para eles não há egoísmo. Mas nem tudo se reduz ao físico, a ciência é também o exemplo mais inteligente de egoísmo onde reina a regra do máximo benefício com o mínimo esforço¹⁵. O jogo é também um exemplo de egoísmo (Salmerón in AA. VV., 1963:304).

Esboço da primeira parte do trabalho
Biologia (vida)
Ciência
Intuicionismo como uma teoria do conhecimento (jogo)

O *desinteresse*¹⁶ (Caso, 1972:70-93) está intimamente relacionado à arte. O esforço do artista é enorme e o resultado é inútil. Nem tudo no homem é razão, Caso defende a profundidade da intuição que não se relaciona ou generaliza, mas vai até a parte mais profunda do homem e o representa através de metáforas e símbolos.

¹⁵ Uma realidade profundamente atual. No momento em que estamos vivendo é comum confiar o progresso a uma loteria, à sorte, ao fruto de um roubo... Espera-se progredir com um único golpe de sorte sem dedicar o esforço apropriado para chegar à frente. Esta observação é completada com a apontada acima sobre a necessidade de crescimento da pessoa a fim de completar as reformas políticas e sociais. Isto sem isto não faz sentido. Ter conseguido a mudança externa não segue logicamente a mudança interna, que é a verdadeiramente importante.

¹⁶ Parece que a origem do conceito utilizado pela Caso está em Kant, ver Escobar-Gorostieta, 1974:41.

Esquema da segunda parte do trabalho (Três essências distintas, qualitativamente diferentes)
Beleza
Graça
Sublime

A *caridade* (Caso, 1972:93-120) pertence a uma ordem distinta das outras duas palavras e mostra que tudo no mundo não é egoísmo. Caso é extremamente otimista e pensa que o triunfo do homem no mundo está na caridade e na capacidade de sacrifício, neles reside a felicidade. Não se deve se deixar vencer pela abundância do mal existente. Neste ponto ele critica Nietzsche (poder) e Schopenhauer (pessimismo) (Salmerón in AA. VV., 1963:275).

Esquema da terceira parte do trabalho
Ensaio sobre caridade
Ensaio sobre esperança
Ensaio sobre a fé

O homem caridoso é um homem livre que entra em contato com Deus, o que é explicado por um processo de individualização. O homem torna-se mais pessoal na caridade e é então que ele se aproxima de Deus (que é o mais pessoal porque é ele o mais caridoso). A imortalidade não é para todos. A vida após a morte é apenas o paraíso, não há inferno. Ser condenado é perder a vida física e a do além, é desaparecer no nada¹⁷ (Escobar-Gorostieta, 1974:36).

É neste último conceito que todo seu pensamento cristão triunfa, embora reforçado por filosofias. Vemos como ele se separa de algumas das correntes que o haviam conduzido pelos

¹⁷ Neste texto podemos apreciar a estima do Caso pelo catolicismo, mas, ao mesmo tempo, o respeito que ele tem por uma educação liberal, fora de qualquer controle institucional. É evidente, por outro lado, a reação que o positivismo tem origem no espírito do Caso.

caminhos da realidade social de seu tempo. É um conceito originalmente utilizado, que o separa dos dois anteriores¹⁸ (Salmerón in AA. VV., 1963:305).

Ao mesmo tempo, é um generoso convite do autor a todos os seus contemporâneos para trabalharem abnegadamente por sua situação, por suas vidas. Ele argumenta que é possível que o mundo não deva ser travado em uma batalha individual pela posição de força ou prestígio ou por dinheiro. Ele continua a acreditar, de forma positiva, na bondade do homem e em sua capacidade de realização baseada em seu relacionamento de transcendência com os outros e com Deus como catapultas para a autorrealização¹⁹.

	Sentimento	Tipo de princípio	Classe de ação
Cristianismo	Caridade	Princípio do sacrifício	Ação centrífuga
Positivismo	Egoísmo	Princípio <i>maximin</i>	Ação centrípeta

¹⁸ Esta abordagem original está muito mais de acordo com as necessidades do povo mexicano e suas próprias convicções. O México tem uma capacidade de sacrifício (originada na caridade e dedicação a causas justas), ao mesmo tempo, das profundezas de seu ser corre um rio histórico incontrolável de sentido religioso. O mexicano se identifica com estas categorias e esta é a maneira de se tornar o que ele realmente é.

¹⁹ Caso traz de volta a dimensão moral e religiosa para o campo social e político. Ele adverte que a verdadeira causa da crise que seu tempo está atravessando tem sua origem em uma deficiência moral e religiosa. Em nossos dias, poucos meios de comunicação têm enfatizado a verdadeira e profunda dimensão de nossa crise. Desintegração familiar, baixa escolaridade, falta de honestidade no manuseio de fundos públicos, escassez de sinceridade e honestidade em não poucos negócios... são o reflexo de algo que está abaixo. Nem tudo termina no nível econômico ou nas relações com os Estados Unidos.

3. Walter Benjamin e o messianismo político

Praticamente ao mesmo tempo em que Caso vivia, mas a milhares de quilômetros de distância, havia outro pensador que ele não conhecia. Aquele nas terras do México pós-revolucionário, esse no meio da França. O primeiro se preocupava com sua nação, o segundo, temeroso de sua própria nação. O primeiro bebendo de fontes orientais antigas, o segundo horrorizado pelo pensamento ocidental moderno. Antonio Caso e Walter Benjamin (1892-1940) viviam longe e sem se conhecerem, mas algo íntimo os relaciona. Ambos estavam preocupados com o que estava acontecendo em seu ambiente e como isso afetava o interior do homem.

A Escola de Frankfurt (Cortina, 1994), à qual Benjamin estava ligeiramente ligado, com a liderança de M. Horkheimer e o apoio de T. W. Adorno, tinha iniciado uma reflexão baseada em certos conteúdos marxistas e uma visão crítica dos eventos políticos europeus. A construção política da modernidade exigiu um profundo exame de consciência e um reconhecimento dos perigos sombrios que, infelizmente, só se tornariam evidentes pouco tempo depois.

Ambos os líderes, primeiro um e depois o outro, tiveram a oportunidade de emigrar e viver nos Estados Unidos. A segurança oferecida pelo afastamento da guerra europeia, serviu para que as novas instalações e publicações da Escola de Frankfurt se desenvolvessem com uma certa normalidade.

Benjamin, por outro lado, fugiu da Alemanha por causa dos acontecimentos obscuros ali (perseguição judaica pelas forças nacional-socialistas). O mais longe que ele conseguiu foi a França. Lá ele sobreviveu trabalhando em suas próprias ideias, traduzindo e cuidando de algumas das tarefas que lhe foram solicitadas através dos mares.

No entanto, ele nunca se pôs a salvo na distância. Sua vida transformou-se gradualmente da ruína da Alemanha, para a solidão em Paris e o terror perto dos Pirineus (Adorno, T.W.-Benjamin, W., 1998:325).

Ele passou da estreiteza porque não tinha o que precisava para desenvolver seu trabalho intelectual à depressão porque se sentia encurralado ao ponto de cometer suicídio para não

cair nas mãos das forças armadas alemãs. O medo de desaparecer sem deixar rastro ou vestígio o preocupa tanto quanto a própria morte (Adorno, T.W.-Benjamin, W., 1998:323-324).

Junto com seu interesse pelo materialismo histórico marxista devidamente compreendido, Benjamin combina seu gosto pela literatura com um retorno às suas fontes judaicas²⁰. É precisamente esta última de suas influências que nos guiará através de sua reflexão sobre a história.

Em 1940, pouco antes de cometer suicídio, ele escreveu algumas teses sobre o conceito de história. Seus enunciados estão perfilados, são praticamente esboços de pensamentos que requerem correções adicionais, o que ele nunca faria. No entanto, apesar de seu estado embrionário, eles contêm uma forte crítica ao historicismo, materialismo histórico mal compreendido, fascismo, progresso excessivo e esquecimento.

Este texto são as flores não folheadas de alguém que corre. Ao fugir, ele olha para seu perseguidor e critica os fundamentos desumanos de um tipo de sociedade que, para qualquer mente sensível, era perigosa e inacessível. Estas poucas páginas são uma denúncia das democracias que assinam pactos sangrentos e covardes de não-agressão com os governos nacional-socialista e comunista sem querer ver o risco.

Trata-se de ver o mundo fracassado através dos olhos de uma pessoa parcialmente truncada que, enquanto vivia em Paris, não foi capaz de estabelecer seu próprio pensamento, que passou muitas horas discutindo suas ideias com padrões intelectuais que não o entendiam bem, que teve que tirar sua própria vida porque sentiu a presença ameaçadora de um sistema assassino que o encurralou para engoli-lo simplesmente porque era judeu.

O maior perigo não será a perseguição do homem pelo próprio homem. O maior medo vem da ausência de esperança de uma justiça restauradora que não permita que a memória se afunde no vazio do esquecimento.

Para combater este perigo vazio, Benjamin recorre a suas fontes religiosas. Ele não hesita em unir a política que o cerca com a tradição religiosa que habita dentro dele. A política e a religião não se excluem, elas se ajudam e precisam uma da outra. O público e o privado não se

²⁰ Tanto para Caso como para Benjamin, a religião traz considerações e conceitos decisivos para a vida real e para a política. Desta fonte surgirá o que mais tarde chamaremos de “messianismo político” em referência a Benjamin.

opõem, eles se complementam. A separação destas duas dimensões tem sido uma constante no Ocidente desde o século dezesseis. Não é válido para o pensamento de Benjamin, assim como não era válido para Caso.

3.1. Fazendo memória

Nas primeiras décadas da existência do cristianismo, praticamente não houve separação entre ele e o judaísmo. Os primeiros pregadores, seguindo o exemplo de Jesus de Nazaré, pregaram primeiro dentro das sinagogas. Os seguidores de Cristo estavam entre os amantes judeus da Lei Mosaica.

A tensão entre as duas comunidades e as crenças vai crescer. O ápice virá no Conselho de Jamnia (70 d.C.) quando a comunidade judaica identificar claramente sua distinção com a comunidade cristã e a expulsar da participação na reunião litúrgica do sábado. A excomunhão lançou os cristãos para a perseguição romana, porque eles não tinham o reconhecimento da religião oficial que a judaica tinha (Brown, 1991:21.41-43).

Como a fé em Jesus se espalhou pelo mundo então conhecido, eles tiveram que se refugiar nas catacumbas romanas para realizar seus cultos. Eles sofreram não poucas perseguições mortais (as mais sangrentas foram as de Domiciano e Nero) e vituperações caluniosas sobre a forma como realizavam seus ritos.

No século IV d.C., a situação do cristianismo mudou completamente. Com o chamado Édito de Milão (313 d.C.) Constantino reconheceu a religião cristã dentro do Império Romano. A comunidade cristã saiu das catacumbas, esqueceu as perseguições e começou a ser a igreja imperial (Küng, 2002:61-67).

A independência entre o império e a igreja cresceu. Enquanto o Império Romano sofre sua divisão e seu inevitável declínio, a igreja está de pé, olhando para outras realidades políticas predominantes. Na Europa Ocidental surgiram outras forças que a atenciosa igreja romana observou à distância.

No extremo oeste, a força dos Francos estava se consolidando. Em 800, o Imperador Carlos Magno foi coroado pelo Papa Leão III como a mais alta autoridade dos romanos. Carlos

Magno tornou-se o modelo para o novo imperador, reduzindo a importância da Bizâncio. O Papa, por sua vez, agradeceu publicamente a doação que Pipino, o Curto, pai de Carlos Magno, lhe fez dos territórios do centro e norte da Itália. Os Estados papais nasceram e durariam até 1870. Uma construção política, militar, econômica e ideológica apareceu novamente na velha Europa (Küng, 2002:99-104).

A habilidade e perspicácia do papado estava colocando a Igreja Romana entre os poderes mais estáveis e determinantes da história. Durante toda a Idade Média, a Igreja e o Estado governariam de mãos dadas em alguns momentos e em outros momentos em conflito por interesses particulares. A doutrina das “duas espadas” forjaria e governaria a relação entre o poder religioso e político (Inocêncio III, 215:361-62).

Esta doutrina das duas espadas, que até teve uma origem bíblica (González Faus, 2006:41-47), envolveu a igreja e os estados em muitas guerras e lutas internas, de tal forma que o papado e o Vaticano se tornaram atores da primeira ordem nas decisões de todos os tipos. Durante séculos, inúmeras vidas são oferecidas para a construção do Reino de Deus na Terra. Das cruzadas às guerras de religião à temida inquisição, estes são alguns dos momentos marcantes na relação entre religião e política.

Foi no século XVI, no contexto do desmembramento da Igreja Romana com a Reforma Luterana, Calvinista e Anglicana, que as primeiras vozes se levantaram contra este entente não tão cordial entre as duas espadas. Desde a *Utopia* de Morus, passando pelo *Tratado de Tolerância* de J. Locke até a separação oficial da igreja e do estado, passarão dois séculos de intenso debate e ainda amargas lutas para manter o poder (Panedas, 2006).

O pensamento iluminado autônomo e o nascimento da cidadania igualitária serão responsáveis pela confirmação de um novo modelo de relacionamento construído a partir da separação do espaço público e privado, do direito e da moralidade, do estado e da religião.

Este modelo continua até os dias de hoje. Embora os valores públicos fundadores da modernidade tenham bases cristãs evidentes, os laços de unidade entre religião e estado

tendem a desaparecer, como se a pessoa fosse uma em seu espaço público e outra no privado²¹ (Habermas, 2001:185).

Antonio Caso e Walter Benjamin, cada um em sua própria situação vital, cada um com seu pensamento típico, farão uma proposta teórica para evitar esta separação. Juntamente com a herança cristã dos valores públicos atuais, a semente judaica comum deve ser descoberta. Ambos oferecem a possibilidade de unificação pessoal e social, moral e jurídica. Eles não estão tão longe um do outro.

3.2. Messianismo e política

A ordem do profano tem que ser construída com base na ideia de felicidade. A relação desta ordem com o messiânico é uma das peças doutrinárias mais fundamentais da filosofia da história. De fato, esta relação condiciona uma concepção mística da filosofia da história, cuja problemática pode ser ilustrada com uma imagem. Se a orientação de uma seta aponta para o alvo para o qual a *dynamis* do profano é dirigida e outra seta para a orientação da intensidade messiânica, então segue-se que a busca da felicidade da humanidade corre livremente na direção oposta ao impulso messiânico, agora, assim como uma força pode aumentar em sua trajetória outra que corre na direção oposta, também a ordem profana pode fazê-lo com respeito ao advento do reino messiânico. O profano não é de fato nenhuma categoria do reino, mas é uma das mais próximas, em sua abordagem discreta. (Benjamin, em Reyes Mate, 1990:63-64).

A produção de Benjamin é abundante, mas uma síntese concisa pode ser encontrada em sua escrita jovem intitulada *Fragmento Teológico-Político* escrito entre 1919 e 1921. Também pode ser visto como um roteiro programático. Nas *Teses sobre a Filosofia da História*, ele voltará a este tema.

Para Benjamin, é extremamente importante relacionar a política com a tradição bíblica ou teológica. Quando falamos deste último, nos referimos ao conjunto de crenças judaicas contidas na Torá, Talmud, Cabala... Devemos também incluir os escritos mais representativos

²¹ No capítulo VI da *Fenomenologia do Espírito*, Hegel sustenta implicitamente a tese de que esta separação ainda não foi resolvida (Hegel, 1998: 259-392).

de Hermann Cohen (*A Religião da Razão desde as Fontes do Judaísmo*) e Franz Rosenzweig (*A Estrela da Redenção*), recuperando as fontes judaicas de pensamento e constituindo o que veio a ser conhecido como *Novo Pensamento*. Tudo isso compunha para o judeu europeu uma espécie de contexto geral ou ambiente generativo que permeava todas as áreas da cultura e da vida.

Tanto a ordem profana quanto a messiânica são direcionadas para a conquista da felicidade pelos cidadãos. Eles procuram acima de tudo, cada um em sua própria esfera, evitar a submissão injusta e a supressão de pessoas individuais às mãos de uma máquina pública esmagadora. Trata-se, portanto, de não sacrificar nenhuma pessoa concreta pelo bem de outra, e muito menos pelo bem de um estado histórico. Com esta abordagem, Benjamin nega categoricamente a afirmação terrivelmente séria de Hegel: “Mas uma grande figura deve esmagar algumas flores inocentes e demolir alguma coisa em seu caminho” (Hegel, 1970:59).

Nada vale o sacrifício de uma pessoa inocente. Não há nenhuma justificativa possível. Teríamos que trazer como contrapeso ao pensamento de Hegel a profunda convicção kantiana do valor da pessoa (Kant, 2001:127).

A ordem profana buscará a felicidade das pessoas a partir da possibilidade de progresso e desenvolvimento. A flecha da modernidade é dirigida para o futuro como uma promessa de perfeição e esperança. Tudo irá para melhor, o homem tem em si mesmo as ferramentas materiais, naturais e pessoais para fazer deste mundo um mundo feliz por suas próprias forças. O reinado da autonomia kantiana está na base da modernidade.

Mas o que não deve ser esquecido é que às vezes o desenvolvimento se torna um cilindro esmagador que rola sobre as pessoas, destruindo suas vidas. E, além desta desigualdade, muitas vezes acontece que as vítimas do sistema ou do progresso têm que sofrer a escuridão do esquecimento. O remédio só pode ser o esforço de lembrança e a revalorização da memória.

A felicidade futurista (Marías 1998:28) que o progresso promete deve ser complementada pelo equilíbrio certo não apenas na vida, mas até mesmo além da morte. Este equilíbrio *post-mortem* baseado no exercício anamnésico é o que Benjamin se refere quando usa a palavra “Redenção”. A redenção inclui e assegura a felicidade, a todas as vítimas do progresso.

Felicidade e justiça coincidem nestes termos. Desta forma, aqueles silenciados pela história têm uma chance de fazer ouvir suas vozes.

Se a economia é a principal ferramenta do desejo de progresso, a caridade é a principal ferramenta do impulso messiânico. Esta última oferece uma chave para interpretar tanto a sociedade atual como a que permanece na memória, ou seja, o presente e o passado. O futuro não pode hipotecar o passado e o presente. É a caridade que oferece a oportunidade de construir uma vida mais justa e humana de toda a pessoa.

Uma vez estabelecida a unidade da ordem messiânica e a ordem profana, deve ficar claro que a redenção não se trata de algo apocalíptico que acontecerá no final dos tempos. É antes uma concepção transformadora da realidade atual, tendo a caridade como força motriz (Cohen, 2007). Em suma, a ordem profana com a semente messiânica, atende respeitosamente ao sofrimento das vítimas.

A originalidade de Benjamin consiste não apenas em incluir sua própria vida em sua reflexão, mas também em relacionar os termos que parecem distinguir as diferentes ordens e que afetam positivamente a política.

Messianismo político	
Ordem Profana	Ordem Messiânica
Progresso (autonomia)	Recordação (memória)
Economia	Caridade
Felicidade do progresso	Felicidade a partir da redenção (justiça)
Felicidade para o maior número de pessoas vivas	Felicidade incluída para os mortos
Tradição política	Tradição bíblica

3.3. Teses sobre a filosofia da história

3.3.1. Sentido de Materialismo Histórico

Na primeira de suas teses²², Benjamin fala de um autômato que, colocado sobre uma mesa em frente a um tabuleiro de xadrez, é invencível para qualquer adversário. A velocidade com que responde aos movimentos de seus oponentes a torna praticamente invencível. Parece que a reação a um determinado movimento é a chave para entender sua invencibilidade.

No entanto, acontece que este ser é governado por um anão corcunda, pequeno e feio, que é um mestre do xadrez, mas que não pode ser visto. Ele dirige o autômato por meio de fios que manipulam sua mão. O próprio Benjamin explica a parábola. O autômato é materialismo histórico. O anão corcunda é a teologia, que, por ser pequena e feia, parece que não deve ser vista em nossos dias. O materialismo tem a aparência de ser invencível com a única condição de que a teologia invisível seja a que o guia.

O termo “materialismo histórico” tem uma clara paternidade intelectual atribuível a K. Marx. Embora a autoria lhe pertença, é claro que vem de seus estudos sobre economistas reconhecidos na época (A. Smith, D. Ricardo, J. Stuart Mill, Malthus, Quesnay).

Entretanto, é preciso ter cuidado com o significado desta expressão no pensamento de Benjamin. Ele esteve na Rússia na década de 1930. Ele chegou perto do comunismo real e não gostou. É por isso que ele usa o materialismo histórico, mas o esvazia de seu conteúdo. A casca é a mesma, mas o significado é modificado. Para Benjamin, esta expressão se refere à tradição dos oprimidos. Quando ele fala das vítimas ele sempre se refere a um mundo material, real, concreto, que pertence constantemente ao aqui e agora.

A história é o objeto de uma construção cujo lugar não é homogêneo e vazio, mas aquele que está cheio de 'tempo do agora' (Tese XIV). 23

²² O texto de cada uma das teses será extraído da edição anotada na bibliografia final deste estudo. No corpo do texto, será mencionado apenas o número da tese a ser referida.

²³ É a este momento que Hermann Cohen se refere quando fala do “enquanto” em Cohen 2004b:87-110. Ver Ancona, em Cohen, 2004a:XVI.

Vista deste ponto de vista, o materialismo do comunismo real torna-se um autêntico espiritualismo sem nenhum conteúdo (Tese IV).

Este materialismo histórico do qual Benjamin fala parte do sofrimento e precisa sempre de memória. A *historia passionis* é a grande história esquecida das histórias convencionais. O lado presencial da realidade esconde e sufoca o que está ausente da história. Neste resgate consiste a política como redenção.

Em outras palavras, na ideia que temos de felicidade bate inseparavelmente a de redenção. A mesma coisa acontece com a ideia do passado, do qual a história faz seu próprio caso. O passado carrega um índice oculto que não deixa de referi-lo à redenção (Tese II).

3.3.2. Historicismo

Historicismo é a história oficial, a história dos vitoriosos. Não tem nada a ver com redenção, porque não há nada com que lidar. A única coisa que sugere é a admiração dos feitos oficiais dos grandes homens da história. Não há lugar para as vítimas nelas, por isso são as vítimas esquecidas.

De acordo com Benjamin, a história está cheia de acontecimentos bárbaros. De histórias concretas de sofrimento que não são lembradas e que na realidade são necessárias para compreender o significado profundo de cada momento.

Todos eles devem sua existência não apenas ao cansaço dos grandes gênios que os criaram, mas também à servidão anônima de seus contemporâneos. Não há nenhum documento de cultura que não seja ao mesmo tempo um documento de barbárie. E assim como este último não está livre da barbárie, também não está livre do processo de transmissão através do qual alguns o herdaram de outros (Tese VII).

Os monumentos e calendários da história podem tornar-se tanto lembretes passivos dos grandes momentos, quanto ativadores históricos da visão dos outros, daqueles que não contam

nos livros de história escolar. A primeira opção é a historicista, a segunda é a que nos conduz a uma história que pode resgatar os esquecidos de sua ignomínia (Tese XV).

3.3.3. Política

Poderíamos dizer que o objetivo da política é tentar tornar o presente tão bom quanto possível. As coordenadas da política são, portanto, o presente e o possível. O perigo de um esquecimento obscuro é evidente. A tentação mais forte é a do progresso. O presente olha para o futuro e não tem um giro do pescoço para cuidar do passado. Três características, presunçosas podemos dizer, têm a ideia de progresso (Tese XIII):

Como foi pintado na cabeça dos social-democratas, o progresso foi, em primeiro lugar, um progresso da própria humanidade (e não apenas de suas habilidades e conhecimentos). Em segundo lugar, foi um progresso sem fim (correspondente a uma infinita perfectibilidade da humanidade). Em terceiro lugar, era essencialmente imparável (correndo automaticamente em um curso reto ou em espiral).

No auge da generosidade e confessando, involuntariamente, suas próprias limitações, a política faz o máximo que pode conseguir que é manter a história arquivada como medida de prudência para que os infortúnios não voltem a acontecer. Os vivos aficionados a sua consulta se verão beneficiados pelos rendimentos da memória. Ou seja, aqueles que se beneficiam da memória são os vivos, não os ausentes.

Para ele, a política e o progresso não são uma boa mistura. Os políticos são os aliados ferrenhos do progresso. Benjamin os considerava como a alternativa ao poder fascista, mas acabou traindo sua própria causa e missão:

Num momento em que os políticos, nos quais os adversários do fascismo tinham colocado sua esperança, estão deitados no chão e reforçando sua derrota traindo sua própria causa, esta reflexão visa desamarrar aqueles que vivem no mundo da política das redes em que os envolveram. Parte da consideração de que a fé cega desses políticos em progresso, sua confiança em sua “base de massa” e,

finalmente, sua inserção servil em um aparato incontrolável foram apenas três aspectos da mesma coisa (Tese X).

Os marginalizados e as vítimas devem ser tratados por pessoas ou instituições de boa vontade; os mortos pela teologia; os vivos pela política, embora este privilégio nem sempre seja concedido.

3.3.4. Redenção

Benjamin estava interessado nas vítimas por si mesmas. Por causa desse cuidado, parece-lhe que seria urgente e necessário que a política do presente reconhecesse as injustiças do passado, independentemente do tempo que passou²⁴ e da solvência do devedor (que são os vivos). Nisso consiste a redenção como uma fonte de esperança.

Mas como isso é realizado concretamente? Em primeiro lugar, e como já foi dito, lutando contra o progressivismo avassalador e esquecido. A realidade mostra que os esquecidos não são tão poucos, embora nunca tenham sido retratados na história. Seria necessário olhar novamente para a visão dos derrotados.

A tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos agora é de fato a regra. O conceito de história a que chegamos deve ser consistente com isto (Tese VIII).

Para ilustrar esta realidade, ele usa uma imagem pictórica:

Há um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*... O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está virado para o passado. No que nos parece uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única... O anjo gostaria de parar, despertar os mortos e reconstruir o que foi destruído... Este furacão o arrasta irresistivelmente em direção ao futuro, ao qual ele vira as costas,

²⁴ A humanidade terá que observar com horror e descrença os eventos dos campos de extermínio para pôr em movimento o aparato legal e, com o tempo, chegar à certeza de que existem crimes (contra a humanidade) que não têm data de expiração e que são sempre processados.

enquanto o monte de ruínas cresce diante dele até o céu. Este furacão é o que chamamos de progresso (Tese IX)²⁵.

Em segundo lugar, a redenção requer a responsabilidade das gerações presentes pelas gerações passadas (Tese XII). Desta forma, a janela se abre para o ar fresco da esperança, e aqueles de nós que vivem no presente estão agora usando pela primeira vez as roupas de nosso herdeiro. Este ar fresco, esta brisa no meio da onda de calor do verão, é a “débil força messiânica” (Tese II):

A nós, então, também, como a qualquer outra geração, foi conferida uma débil força messiânica, à qual o passado tem o direito de atender suas reivindicações.

A história, desta forma, torna-se comum e não algo estranho ou alienígena. O presente, com esta motivação, precisa de uma força de ação amorosamente dirigida (Cohen, 2004a:1-3).

Terceiro, a política de redenção inclui a presença silenciosa do Messias. Esta presença não é ostentatória nem poderosa. Não é acompanhada de fenômenos naturais ou de grandes sinais. A pequena redenção é de cada instante e inaugura em cada um deles um novo tempo (Tese XV). Nem é pretensioso; a possibilidade de salvação não aspira a alcançar além da mônada do instante. Em suma, consiste na revelação da verdade autêntica, é a aspiração de que a justiça penetre em cada instante da vida. Redenção e verdade são a mesma coisa.

O materialismo histórico se aproxima de um objeto histórico somente e somente onde se apresenta a ele como uma mônada. Nesta estrutura reconhece o sinal de uma prisão messiânica dos acontecimentos ou, em outras palavras, de uma oportunidade revolucionária na luta pelo passado oprimido (Tese XVII).

²⁵ Este quadro apocalíptico pessimista é complementado pela passagem de Ezequiel 37, 1-14. Nesta passagem o profeta, guiado pelo próprio Yahweh, aproxima-se de um vale cheio de ossos. A imagem é aterrorizante. Não há esperança quando a vida é perdida. No entanto, o profeta testemunha como os corpos são gradualmente reconstruídos (primeiro os ossos, depois os tendões, músculos, carne e, finalmente, um novo espírito). As pessoas destroçadas são reconstruídas, o passado despedaçado torna-se novamente a vida presente com a ação redentora daqueles que no momento olham para sua realidade.

A possibilidade de que cada instante, cada segundo sirva para a redenção de um passado esquecido é o significado do dia autêntico do Juízo (Tese III). Suave, leve, atencioso é este dia. Menos revolução com suas estratégias e mais responsabilidade de cada um (Mate, 2008:210-211).

4. Conclusão: unindo forças

Tanto Caso como Benjamin, além de suas próprias fontes de reflexão pessoal, como contemporâneos, tiveram que enfrentar as causas e consequências da Primeira Guerra Mundial. Este evento convulsionou, principalmente na Europa, a forma de viver e de se apresentar antes da vida.

A velha “razão de deusa” iluminada tinha baseado a confiança da vida na força da inteligência humana. O século XIX foi tudo uma exposição prolixa dos avanços e aplicações que tal inteligência alcançou na ciência e na tecnologia. Não poucos estavam seguros de poder finalmente alcançar, uma existência muito mais humana, duradoura e confortável.

Por outro lado, a burguesia e seu sistema econômico, entre muitas outras coisas, estava demonstrando como era capaz de gerar quantidades impensáveis de recursos materiais. A abundância tornou possível sonhar como se a ninguém faltasse nada. O sonho burguês realmente acreditava que a ilusão prometeica de cobrir todas as necessidades era viável.

Estes ideais entraram em crise quando as potências mais “civilizadas” declararam guerra umas contra as outras. A ciência e a tecnologia, até então a serviço de outros objetivos, estavam subjugadas às necessidades materiais. Tanto cientistas quanto políticos se submetem à força militar. A tecnologia e a ciência cresceriam nas trincheiras e com o sangue dos combatentes.

A Primeira Guerra Mundial foi um primeiro contato de cepticismo em relação a todos os sonhos esperançosos. Na Segunda Grande Guerra, da qual nossos dois autores terão conhecimento e experiência, a realidade atroz ultrapassará de longe a imaginação e as ideias.

Diante da decepção e da confusão que a violência impôs à Europa e ao mundo ocidental, existiam duas maneiras diferentes de lidar com as consequências. Certamente não são os únicos, mas representam opções opostas.

Max Weber em seus *Ensaio sobre a Sociologia da Religião* defende basicamente dois postulados: o Ocidente é o lugar dos logotipos e isto lhe confere um propósito ou destino particular. O que aconteceu é um erro no desenvolvimento, mas nada que remova suas bases fundamentais. A ciência foi consolidada apenas no Ocidente, sua lei oferece uma sólida estabilidade social. Em nenhum outro lugar isso ocorreu da mesma maneira, nem gerou o mesmo desenvolvimento. Estes são os resultados do destino protestante e seu verdadeiro potencial ainda não foi visto. De sua perspectiva, todo o horror visto não é suficiente para questionar o espírito do Ocidente (Mate, 1996:677-679).

Por outro lado, nasceu um novo pensamento crítico (*Neues Denken*). Benjamin foi um dos protagonistas desta forma de ver as coisas. Antonio Caso, sem relação com esta corrente oficial de pensamento, também era crítico e desconfiado dos benefícios do progresso. Sua participação e influência nas preocupações do *Ateneo de la Juventud* mexicano compartilharam as mesmas dúvidas e ressentimentos em relação à ciência e ao progresso desumanizador. Por esta razão, ambos preferiram opor a caridade ao otimismo do progresso; esperança à justiça cega que geralmente favorece aqueles que menos precisam dela, filosofia à ciência (Mate, 1997:9-26).

Duas maneiras de lidar com as consequências da Primeira Guerra Mundial	
Max Weber	Novo pensamento
Positivismo-progresso	Caridade
Justiça	Esperança
Cientistas	<i>Ateneo da Juventude</i>
Ciência	Filosofia

O véu do tempo cobre o que aconteceu. Após a Segunda Guerra Mundial, horrores semelhantes foram vistos em outras partes do mundo. A ciência continua a dominar o mundo em suas várias versões. A justiça governa as democracias mais avançadas. A política é responsável pelos projetos internacionais e nacionais. A economia não conseguiu o mais

elementar que se poderia pedir: fazer desaparecer a fome no mundo. Parece que as mesmas bases do início do século 20 são mantidas hoje. Se os resultados foram duas guerras e não o bem-estar generalizado, não é hora de mudar alguma coisa nelas?

No decorrer da história e também em tempos recentes, multidões de vidas desapareceram da memória. A história aplica um critério discriminatório ao conhecimento, concentrando-se apenas em fatos. Os “grandes homens” permanecem, aqueles que viveram suas vidas de uma maneira normal ou sem precedentes não são levados em conta. Ambos são as causas autênticas da mudança e da transformação da realidade.

Na história mexicana, vários interesses se comprometeram com a história oficial, disfarçando muitos dos “heróis que nos deram nossa pátria” como autênticos estranhos à realidade. Somente eles são levados em conta e são responsáveis pelo bem que tem sido feito ao longo do tempo. Nada é conhecido sobre os outros. O bovarismo permanece em nossos dias, preferimos acreditar em uma fantasia que nos assegura um passado glorioso e inventado, embora irreal, que nos leva a uma situação atual que não é muito mais lisonjeira.

O silêncio daqueles que deram suas vidas para criar suas famílias trabalhando e sendo honestos; daqueles que lutaram e perderam suas vidas por ideais comuns e nobres; daqueles que hoje se comprometem com suas pequenas forças por um futuro melhor... são melodias estridentes que clamam por justiça, mesmo que ainda não estejamos prontos para escutá-las.

A noção de herança pessoal nos faz respeitar o passado que nos chega e constitui uma parte importante do nosso ser atual. A herança nos remete irremediavelmente a outras pessoas, a outras histórias, para não permitir que a dor do esquecimento seja implantada através do egoísmo.

O complemento da história é a narração da vida de cada pessoa. A narratividade é um dos elementos que definem o nível pessoal do ser humano. É a resposta, a única resposta, que responde à pergunta fundamental de quem eu sou. A história é modificada em histórias e a narrativa dos livros oficiais é personalizada.

Política, economia e ciência por si só não falam do desejo mais profundo do homem. Eles não são fins em si mesmos, mas meios para serem reorientados a fim de ajudar a todos a

se tornarem pessoas melhores. É por isso que a justiça tem que sair do ensimesmamento da lei egoísta e ser enriquecida pela preocupação insegura com os outros.

A ação por amor é a única capaz de acolher os esquecidos do passado e os necessitados do presente. O princípio que governaria este tipo de comportamento de acordo com Antonio Caso é o do sacrifício, que se traduz em esforço máximo para benefício mínimo (Caso, 1972:16).

A dimensão messiânica, traduzida em caridade, é a única capaz de trabalhar para a transformação em uma sociedade mais igualitária, justa e fraterna. Não há conflito entre religião e política, entre espaço público e privado, entre direito e caridade... todos eles são elementos indispensáveis para a pessoa. O desequilíbrio com alguns deles pode se tornar um desastre.

Sair ao encontro do outro, sem medi-lo com minha própria bitola, mas respeitando sua diferença e particularidade é um motivo de esperança. O “princípio maximin” (benefício máximo com esforço mínimo), só perpetua o sistema que esmaga algumas pessoas, embora ofereça a outras o paraíso na terra (Caso, 1972:9-11.40.43.46.49).

Os pensamentos de Caso e Benjamin alertam nossa cultura para uma deficiência importante: a preocupação com os outros. Seja a prática da caridade ou a materialização do messianismo político, são formas de dizer que parece mais oportuno estabelecer relações pessoais entre todos do que perpetuar o interesse egoísta que nos mantém divididos.

Tanto o cristianismo quanto o judaísmo estão na base de nossa cultura. Ambos, além de suas profundas diferenças, concordam sobre a importância do mandamento de amar o próximo e a Deus. Apesar dos eventos históricos que levaram à desconfiança na relação entre religiões e Estado, isto não é motivo suficiente para esquecer as raízes comuns que se concentram nas profundezas do ser pessoal.

Referências

- AA.VVV., *El perdón, virtud política. En torno a Primo Levi*, Anthropos, Barcelona 2008.
- AA. VV, *Enciclopedia filosofica II*, Edipem, Roma 1979.
- Adorno, T. W.-Benjamin, W. , *Correspondência 1928-1940*, Trotta, Madrid 1998.
- Ancona, A., “Esta é sempre a hora para este homem sobre este assunto”, em Hermann Cohen, *El prójimo. Quatro ensaios sobre a correlação prática de ser humano a ser humano de acordo com a doutrina do judaísmo*, Anthropos, Barcelona 2004.
- Benjamin, W., *Theologisch-politiches Fragment*, em GS II 1, Suhrkamp Verlag, Frankfurt, Alemanha.
- Benjamin, W., *Tesis sobre la historia y otros fragmentos*, Contrahistorias, México 2004.
- Caso, A., *Ensayos Críticos y Polémicos*, México 1922.
- Benjamin, W., *La persona humana y el Estado totalitario*, UNAM, México 1941.
- Benjamin, W., *Obras completas, III. La existencia como economía, como desinterés y como caridad*, UNAM, México 1972.
- Carta de Inocência III a Philip Augustus da França, em *Patrologia Latina*.
- Cohen, E., “Walter Benjamin e Franz Kafka: dois necrófagos em busca do messianismo profano” em *Acta potica* 28 (2007) 49-71.
- Cohen, H., *El prójimo. Cuatro ensayos sobre la correlación práctica de ser humano a ser humano según la doctrina del judaísmo*, Ed. Anthropos, Barcelona 2004a.
- Cohen, H., *La religión de la razón desde las fuentes del judaísmo*, Ed. Anthropos, Barcelona 2004b.
- Cortina, A., *Crítica e utopia: la escuela de Francfort*, Eds. Pedagógicas, Madrid 1994.
- Escobar, E. - Gorostieta, G., *Antonio Caso: recuerdos e imágenes. Biografía filosófica*, Porrúa, México 1974.
- García Maynez, E., “Homenaje a Antonio Caso”, UNAM, México 1947.
- González Faus, J. I., *La autoridad de la verdad. Momentos oscuros del magisterio eclesiástico*, Sal Terrae, Santander 2006.
- Habermas, J., *Israel ou Atenas. Essays on religion, theology and rationality*, Trotta, Madrid 2001.
- Hegel, G. W. F., *Philosophy of History*, Zeus, Barcelona 1970.

- Hegel, G. W. F., *Phenomenology of Spirit*, Fondo de Cultura Económica, México 1998.
- Henríquez Ureña, P., “Horas de estudio”, em E. S. Speratti Piñero (Ed.), *Obra crítica*, FCE, México 1960.
- Ibargüengoitia, A., “El Ateneo de la Juventud y sus consecuencias políticas y culturales”, na *Revista Filosófica XXVII* (1994).
- Kant, I., *Kritik der praktischen Vernunft*, edição bilíngüe alemão-espanhol, UAM-Porrúa, México 2001.
- Krauze, E., *Místico de la autoridad*, Porfirio Díaz, FCE, México 1995.
- Krauze de K., R., *La filosofía de Antonio Caso*, UNAM, México 1990.
- Küng, H., *The Catholic Church*, Mondadori, Barcelona 2002.
- Márías, J., *Antropología metafísica*, Alianza, Madrid 1998.
- Mate, R., *Misticismo e Política*, Verbo Divino, Estella 1990.
- Mate, R., “La filosofía hoy: ¿conciencia crítica o taller de reparaciones?”, in Olivé, L.-Villoro, L. (eds.), *Filosofía moral, educación e historia. Homenaje a Fernando Salmerón*, UNAM, México 1996.
- Mate, R., *Memória do Ocidente. Actualidad de pensadores judíos olvidados*, Anthropos, Barcelona 1997.
- Mate, R., *La herencia del olvido. Ensayos en torno a la razón compasiva*, Errata naturae, Madrid 2008.
- Ramos, S., “La filosofía de Antonio Caso”, em Antonio Caso, *Antología filosófica*, SEP, México 1964.
- Olivé, L.-Villoro, L. (eds.), *Filosofía moral, educación e historia. Homenaje a Fernando Salmerón*, UNAM, México 1996.
- Ortega y Gasset, J., *Meditaciones del Quijote*, REI, México 1987.
- Panedas, J. I., “Principales bases teóricas de la tolerancia compasiva en la última obra de Hermann Cohen”, in *Revista de filosofía (Universidad Iberoamericana)* 38 (2006).
- Safransky, R., *Romanticismo. Uma odisséia do espírito alemão*, Tusquets, México 2011.
- Salmerón, F., “Los filósofos mexicanos del siglo XX”, em AA. VV., *Estudios de historia de la filosofía en México*, UNAM, México 1963.
- Unamuno, M., *Del sentimiento trágico de la vida*, Porrúa, México 2003.

Zea, L., “El positivismo”, em AA. VV., *Estudios de historia de la filosofía en México*, UNAM, México 1963.

Creative Commons License

This work is licensed under a Creative Commons Attribution–NonCommercial–NoDerivatives 4.0 International (CC BY–NC–ND 4.0).

Received: 05/07/21

Accepted for publication: 15/08/21

Published: 26/10/21
